RESUMO

A escritora moçambicana Lina Magaia abriu caminho a um encontro entre história e ficção, documentando o desenvolvimento da guerra civil em Moçambique, ocorrida entre 1975 e 1992. Nos textos jornalísticos *Dumba Nengue (1986)* e *Duplo massacre em Moçambique (1987)*, a autora apresenta todo um processo de destruição social, económica e cultural que vitimou o país, registando as vozes daqueles que viveram o cenário de guerra, constantemente encetando uma luta pela sobrevivência. O seu único romance, *Delehta. Pulos na vida (1994)*, retrata as consequências do conflito interno, através da voz da enfermeira *Delehta*, transformando o texto literário num documento histórico, que se concretiza através de um processo de recriação linguística particular.

Proponho neste trabalho uma análise da obra de Lina Magaia Delehta. *Pulos na vida*, tendo em consideração o encontro entre a língua portuguesa e as línguas autóctones, como veículo de processos de recriação linguística, problematizando as implicações sociais, culturais e políticas que a oficialização do português trouxe consigo.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA, LITERATURA MOÇAMBICANA, ESTUDOS DE GÉNERO, ESCRITORAS MOÇAMBICANAS

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA

*É assim a vida. Ela canguruua-se e nós
canguruamo-nos nela*
Lina Magaia¹

Lina Magaia, autora moçambicana de pouca produção literária, parece esquecida no universo da literatura de Moçambique. Guerrilheira da Frelimo, Magaia transpôs para a sua escrita o complexo cenário pós-independência em Moçambique, com um enfoque particular no conflito que opôs a Frelimo e a Renamo, gerando uma guerra civil que duraria de 1975 a 1992.

A escrita de Magaia politiza o texto literário, atenuando a fronteira entre discurso ficcional e discurso histórico, através de uma retórica ideologicamente marcada. São conhecidos três textos de sua autoria, todos

¹ Magaia, 1994: 8.

EM QUE LÍNGUA SE ESCREVE A DOR? PROCESSOS DE RECRIAÇÃO LINGUÍSTICA NA OBRA DE LINA MAGAIA

Ana Luísa Teixeira

Instituto Superior de Línguas e
Administração de Lisboa (ISLA)
Instituto Universitário de Lisboa
(ISCTE-IUL), Centro de Estudos
Africanos (CEA-IUL)

publicados em Moçambique: dois volumes de cariz jornalístico, *Dumba Nengue* (1986) e *Duplo massacre em Moçambique* (1987), e um único romance, publicado em 1994, *Delehta. Pulos na vida*.

Neste romance, a protagonista Delehta, uma enfermeira que luta pela vida num país devastado pela guerra, revisita episódios da sua experiência, tendo como cenário o caos que caracterizou os primeiros anos de independência de Moçambique. Trata-se, assim, de uma narrativa de memórias, construída a partir de um narrador na primeira pessoa, que fala sobre si e sobre a realidade da guerra de dezasseis anos, através de cartas enviadas a um amante anónimo, que concretizam uma estrutura narrativa epistolar. A guerra conduziu à separação dos dois amantes, ironicamente atribuindo posicionamentos interventivos absolutamente díspares: Delehta trabalha em prol da vida num hospital local; o seu amante, combatente da Frelimo, foi transformado num agente da morte. Observando o conflito entre a Frelimo e a Renamo, com a subsequente destruição social, política e económica do país, Delehta aguarda ansiosamente o regresso do seu amante. A sua existência encontra-se dividida entre o bar local e o hospital. O momento narrativo de transição histórica transmite o sentido da instabilidade e da precariedade. Significativamente, o *locos exacto* da narrativa não é mencionado. O espaço é simplesmente referido como uma aldeia intermediária, aguardando a população vinda do norte e do nordeste, em direcção ao Maputo, que mata a sede no bar, ou que, vitimada pela guerra, se vê forçosamente admitida no hospital.

Uma teia de estórias transmite a luta dramática entre vida e morte. Delehta dá voz a uma identidade colectiva, posicionando-se como um narrador participante, uma contadora de estórias, que é também uma agente interventiva. Contando e escrevendo estórias, Delehta concretiza uma função catártica do processo narrativo. Tal como o crítico Tomás Vieira Mário afirma no seu prefácio ao romance: "Ora, escrever purifica. A quem o fez e aos muitos que lêem" (Magaia, 1994: 2).

O romance termina com a assinatura do Acordo de Paz, o reencontro dos amantes, e o nascimento de uma criança, assistido por Delehta. O nascimento poderá simbolizar, ainda que de um modo demasiado previsível, o novo começo de um país renascido da guerra.

Vida e morte são temas centrais no romance de Magaia. A guerra é sinónimo de morte, e a vida está intimamente associada ao desejo e à conquista final da paz. Sentada no bar, Delehta ouve uma conversa entre dois homens. A comparação que fazem entre a guerra colonial e a guerra civil conduz ao seguinte comentário por parte de um deles: "Hoje, a diferença é que enfrentamos o primo, o irmão, o sobrinho... – o seu ar desolado penetrou-me – por isso esta guerra vai ser difícil de vencer com as armas" (Magaia, 1994: 32-33). O homem do "ar desolado" expressa um dos paradoxos centrais do conflito: na sua luta pela consolidação de um novo país, os moçambicanos tornaram-se presas de forças externas de instabilidade, alimentando um ritual quase patético de autodestruição.

Paralelamente, a estrutura diegética de Magaia explora como subtemas a condição da mulher e a realidade político-ideológica do país. Formalmente, a recriação linguística da qual apresentaremos breves análises dá forma ao desenvolvimento das estruturas temática e subtemáticas acima referidas.

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Uma observação atenta das estratégias narrativas em *Delehta* revela uma forte presença de uma voz culturalmente afrocêntrica, e o objectivo de tornar o texto literário num espaço intercultural. O texto torna-se, assim, uma realidade culturalmente híbrida, um terceiro espaço identitário (Bhabha, 1994). O encontro não é de todo conflituoso, sendo que o texto literário concretiza a viabilidade das zonas de contacto (Pratt, 1992).

Magaia apresenta-nos diversos instantes de idiossincrasia africana. A determinação de valores tradicionais é recorrente, revelando uma intencionalidade, quase pedagógica, de transmissão de um *logos* particular. Por exemplo, Mwamadjosi, figura feminina mítica cujos poderes sobrenaturais são comumente reconhecidos, materializa a transmissão de lógicas vivenciais inerentes à cultura tradicional. Paralelamente, *Delehta* caracteriza o conflito interno moçambicano como sendo uma complexa intersecção de técnicas de guerra ocidentais (introduzidas e apoiadas maioritariamente pela África do Sul) e a lógica cultural moçambicana. O narrador na primeira pessoa exemplifica frequentemente a forte determinação do sobrenatural no modo como os moçambicanos concebem a guerra.

A idiossincrasia africana encontra um lugar textual particular nesta narrativa, através de estratégias de registo escrito da oralidade, das quais merece particular destaque o uso da repetição por parte da protagonista, *Delehta*. Significativamente, o encontro entre a linguagem escrita e a quase rítmica sonoridade inerente à expressão oral acompanha o processo de auto-definição da protagonista. Lemos frequentemente exemplos de estratégias de estruturação identitária, nos quais *Delehta* se define como sendo "... filha de camponeses, estudada para enfermeira na cidade mais próxima, machambeira nas horas livres e contadora de estórias por paixão" (Magaia, 1994: 144). Importa aqui observar a presença directa ou indirecta de lógicas culturais particulares e inter-actantes para a definição de uma identidade africana/moçambicana, se é que faz sentido esta generalização do particular e/ou particularização do geral: um encontro entre o indivíduo e a comunidade, através da identificação da protagonista com uma vivência sociocultural colectivizada. Esta "filha de camponeses" e "contadora de estórias" concretiza o significado cultural da tradição oral, sendo que o seu enquadramento enquanto protagonista no contexto da diegese é, ele próprio, um veículo de hibridação cultural. Afinal, a estória de *Delehta*, escrita em estrutura epistolar, ganha corpo num conjunto de *estórias de vida*, contadas em contextos informais, que *Delehta* recolhe, aproximando o texto de um cruzamento entre a *literatura de memórias*, a autobiografia ficcionada, e o discurso histórico e sócio-antropológico. Resulta desses cruzamentos um processo de hibridação intra e extra-diegético, isto é, a nível formal e a nível de conteúdo.

Delehta. Pulos na vida está estruturada em três partes, cada uma dividida em sete, oito e cinco capítulos, respectivamente. A estrutura narrativa, apresentando uma teia de estórias interdependentes, torna-se um veículo para a celebração do significado da oralidade e da memória, enquanto canais de registo da experiência africana. Passado, presente e futuro coexistem e interagem, enquanto o narrador revisita o momento histórico da guerra civil em Moçambique, antecipando o *renascimento* da nação, no final da narrativa. A presença de uma multiplicidade de vozes, que encontram no restaurante/bar um ponto de encontro simbólico, reflecte a natureza policêntrica e polirrítmica da idiossincrasia africana.

O tratamento literário da linguagem nesta obra, cuja categorização no âmbito ficcional se torna questionável dado o registo histórico e autobiográfico que apresenta, não deixa de evidenciar um trabalho textual criativo, que acolhe não só o género narrativo, como também a poesia, ainda que pontualmente. A ausência de uma delimitação rigorosa entre prosa e poesia concretiza-se pela presença de um poema de Felizardo Machai, intitulado “O gosto da paz”, que introduz a última parte da narrativa, e que transmite o significado de uma sensibilidade colectiva muito particular face ao Processo de Paz.

Ainda considerando a criação literária, identificamos na narrativa de Magaia a presença de qualidades líricas particulares, que percorrem o registo da voz interior da protagonista. Do ponto de vista meramente gráfico, verificamos que os instantes poéticos de cariz intimista e que registam momentos partilhados entre os dois amantes, surgem não raro em itálico, como se a voz narradora desse forma física e distinta ao papel fulcral da memória:

... ainda te lembras de quando me ofereceste a lua? Saberás tu porventura os mundos que me ofereceste? As estrelas que vejo, os sóis que imagino, os mares que navego e as montanhas que galgo? Quando me ofereceste a lua estávamos sós, sentados à beira do Índico... (Magaia, 1994: 83).

Importa, também, considerar a questão do leitor/destinatário da escrita de Delehta, e, lembrando a lógica teórica da estética da recepção (Iser, 1980; Jauss, 1982), perceber de que modo o texto se constrói a partir de uma estrutura narrativa particular. A estrutura epistolar transforma o amante de Delehta no primeiro leitor da narrativa. Paralelamente, os comentários do narrador despertam no leitor do romance uma consciência social e política, que lhe dá espaço para a sua própria construção do contexto histórico apresentado, definindo, assim, a funcionalidade da narrativa através de um processo de consciencialização, não só do público lusófono, como também a uma escala global.

A tomada de consciência política e social que *Delehta* promove é tornada possível através de processos de recriação da língua portuguesa. Podemos mesmo considerar que Magaia africaniza o português, concretizando o encontro e a interacção da língua oficial com as línguas autóctones, e listando cinquenta termos e expressões indígenas num glossário final². O processo de recriação linguística reflecte uma lógica cultural específica, bem patente na utilização das formas verbais “avestrujar” (Magaia, 1994: 22) e “tartaruguear” (Magaia, 1994: 74). A raiz destes verbos ficcionados

2 Salientamos alguns termos incluídos: *madjonidjoni* - designação atribuída aos moçambicanos que emigraram temporariamente para a África de Sul em busca de trabalho, particularmente para Joanesburgo (186-7); *ku phahla* - organizar uma cerimónia em honra dos antepassados (187); *yanyulava* - do verbo *ku yanyula*, abrir as pernas excessivamente (188); *muhliwa* - espírito masculino que possui um corpo feminino. Acredita-se que o espírito se torna determinante na vida da mulher, revelando-se hostil perante os vivos e exigindo obediência (188); *Hita pswi vona lomo pswi ta ka gamela kona* - traduz-se “Veremos quando isso vai acabar” (188). Não é feita qualquer referência às línguas autóctones a que cada termo pertence.

encontra-se nos substantivos *avestruz* e *tartaruga*. Assim, “avestrujar” remete-nos para a ideia de criar um falso sentido de segurança, como o faz a avestruz, escondendo a cabeça e mantendo o corpo exposto, para que a sobrevivência psicológica não seja posta em causa. O verbo é referido pela voz do narrador, ao descrever metaforicamente a atitude com que se percorria a perigosa estrada minada em direcção ao hospital.

O verbo “tartaruguear”, por seu lado, evoca a lenta passagem do tempo. Como o narrador refere: “Um ano de dor e saudades *tartarugueou...*” (Magaia, 1994: 74), i.e., um ano difícil passou, ao ritmo do andar de uma tartaruga. Estes dois exemplos são particularmente significativos por duas razões. O simbolismo destes animais evoca a realidade africana. Adicionalmente, a própria referência a animais parece reconhecer o seu valor representativo no contexto da tradição oral, valorizando-se, deste modo, a idiosincrasia africana.

Tendo a língua portuguesa concretizado a possibilidade de um registo escrito e a emergência de uma tradição literária moçambicana, a partir da tradição oral, as possibilidades de recriação linguística são imensas. A ficção de Lina Magaia revela-se um exemplo paradigmático de criatividade na recriação linguística, culturalmente híbrida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de recriação linguística que, tal como em tantos outros autores africanos, encontramos na obra de Magaia, remete-nos para a bipolarização de dualidades originárias e originadas pelo contexto de hibridismo linguístico: o encontro entre línguas autóctones e a língua portuguesa, a cristalização da oralidade tradicional através da escrita. Essencial será encarar estes encontros como expressão de relações de poder, que alimentaram concepções ideológicas do *Outro*. Sobre o encontro entre a escrita e a tradição oral, citamos Oyekan Owomoyela: “Studies of African literatures implicitly or explicitly argue a continuity with traditional verbal artistry, which, in the absence of a popular writing tradition, was exclusively oral” (Owomoyela, 1993: 2). Haverá, então, possibilidade de negar a determinação do que o autor nigeriano Ngugi Wa Thiong’O apelidou de “imperialism of language” (Wa Thiong’O, 1993: 30), ao qual a própria realidade moçambicana pós-independência parece ter cedido, através da oficialização do português? Diz-nos o escritor nigeriano e Prémio Nobel de Literatura, Chinua Achebe, sobre a importância da uniformização linguística que, apesar do projecto colonial a ela inerente, aproximou populações “that had hitherto gone their several ways. And it gave them a language with which to talk to one another. If it failed to give them a song, it at least gave them a tongue for singing” (Achebe, 1965: 28).

Verificamos que o hibridismo linguístico, enquanto uma das facetas centrais do processo de hibridação cultural, resultante da projecção de uma ideia de império e da dicotomia entre “centro” e “periferia” de que nos fala Boaventura de Sousa Santos (1994), contribuiu para a liberalização dos moçambicanos. Espera-se que a leitura da obra de Magaia, que aqui propusemos, illustre as palavras do crítico Jaheinz Jahn: “...It is not the vocabulary, but the way of using speech that is the real language” (Jahn, 1961: 194).

REFERÊNCIAS

- Achebe, Chinua (1965). "English and the African writer", *Transition*, 4 (18), 27-37.
- Bhabha, Homi (1994). *The location of culture*. Nova Iorque, Routledge.
- Iser, Wolfgang (1980). *The act of reading. A theory of reading response*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press.
- Jahn, Jahnheinz (1961). *Muntu. An outline of the new African culture*. Nova Iorque, Grove Press.
- Jauss, Hans Robert (1982). *Toward an aesthetic of reception*. University of Minnesota Press.
- Magaia, Lina (1994). *Delehta. Pulos na vida*. Maputo, Editorial Viver.
- Magaia, Lina (1989). *Dumba Nengue. Histórias trágicas do banditismo I*. Maputo, Cadernos Tempo.
- Magaia, Lina (1989). *Duplo massacre em Moçambique. Histórias trágicas do banditismo II*. Maputo, Cadernos Tempo.
- Owomoyela, Oyekan (ed.) (1993). *A history of twentieth-century African literatures*. Lincoln, University of Nebraska Press.
- Pratt, Mary Louise (1992). *Imperial eyes. Studies in travel writing and transculturation*. Nova Iorque & Londres, Routledge.
- Sousa Santos, Boaventura de (1994). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto, Edições Afrontamento.
- Wa Thion'O, Ngugi (1993). *Moving the center. The struggle for cultural freedoms*. Londres, James Currey.